

enfermidade — mão criminosa as envenenou em banquete oficial. (...) O sopro do Tesouro não lhes pôde dar vida; mas agora que elas já não existem, ao governo cabe enterrar os mortos e tratar dos vivos”.

Ao lado do *Mosquito*, caminhava *O Mequetrefe*, que começou a circular em 1875, sob a direção de Lins de Albuquerque, com alguns dos mestres da caricatura brasileira do tempo: Cândido de Faria, Antônio Alves do Vale, Pereira Neto, Joseph Mill, Aluísio Azevedo, que trocava o lápis de desenhista pela pena de escritor, vindo a ser a maior figura do Naturalismo, e, a partir de 1891, Artur Lucas (Bambino); na redação, formavam Olavo Bilac, Artur Azevedo, Henrique Lopes de Mendonça, Raimundo Correia, Filinto de Almeida. O *Mosquito* deixou de circular em 1877. Um ano antes, fulminado pela peste, falecera Borgomainério. Ângelo Agostini deixou, então, a revista. A *Semana Ilustrada* desaparecera. E, a 1º de janeiro de 1876, surgiu a sua *Revista Ilustrada*, um dos grandes acontecimentos da imprensa brasileira. Sua popularidade foi logo muito grande; aparecia aos sábados, vendida a 500 réis o exemplar, com as assinaturas anuais a 12\$000 e 20\$000, para a capital e para o interior, respectivamente. As assinaturas podiam ser tomadas na rua da Assembléia, 44, onde estava a sua oficina litográfica a vapor, ou à rua do Ouvidor, 65, na Livraria Garnier. A tiragem atingiu 4000 exemplares, índice até aí não alcançado por qualquer periódico ilustrado na América do Sul, regularmente distribuída em todas as províncias e nas principais cidades do interior, com assinatura por toda parte.

Monteiro Lobato observou que “a voga da revista foi grande, a ponto de permitir que, durante anos, o desenhista vivesse do produto das assinaturas, sem necessidade de recorrer à ‘cavação’, arte que iria ter o seu esplendor na República. Não havia casa em que não penetrasse a *Revista*, e tanto deliciava as cidades como as fazendas. Quadro típico de cor local era o do fazendeiro que chegava cansado da roça, apeava o cavalo a um negro, entrava, sentava-se na rede, pedia café à mulatinha e abria a *Revista*. Os desenhos bem acabados, muito ao sabor da sua cultura e gosto, desfiavam ante seus olhos os acontecimentos políticos da quinzena. O rosto do fazendeiro iluminava-se de saudáveis visos. ‘É um danado este sujeito!’ — dizia ele de Agostini”(139).

Artista extraordinário, Ângelo Agostini engrandeceu as suas criações com o sentido político que lhes deu. Ninguém manejou o lápis como arma no nível e com a eficácia do ilustrador meticuloso, que apanhava com o seu traço inconfundível não apenas os detalhes que a observação colhia

(139) Monteiro Lobato: *Idéias de Jeca Tatu*, S. Paulo, 1956, pág. 154.